ECA-USP - [Pós Cinema]

"BALANÇO DA MODERNIDADE: O ARTÍSTICO E O ESTÉTICO NAS DÉCADAS DE 70-80"

Ricardo Mendes jun/86

Uma divagação pessoal:

Blague!
De início tinha decidido fazer uma avaliação do curso em função de que um"balanço" como o proposto não poderia se restringir a uma sumarização dos diversos eventos das duas décadas. Lembrando que mesmo em países periféricos o período estudado coincidia com o desenvolvimento pleno e complexo dessa estrutura de veiculação de informação que se conhece por indústria cultural, como os diferentes movimentos do campo da arte foram absorvidos, interpretados, adulterados? Como o "consumidor" se posicionou frente a estes eventos? Como o consumiu e o descartou? Este aspecto aparentava ser um dos elementos da matriz de balanço/avaliação.
Por outro lado, o desenrolar das conferências introduziu um fator novo, pertubador· a permanente e 'inconsciente' referência ao pós-moderno. Conceito jamá sexplicitado, mas sempre presente em busca de identificação/distinção ao longo de cada debate. E essa pertubadora e terrorista presença me fez decidir por pensar um pouco o conceito.

Em tom de blague: pós-moderno.
Um colega, estudante de sociologia, me contou sobre sua reação quando duas estudantes o encurralaram na entrada da ECA para obter seu depoimento em vídeo (portátil, NTSC, 1/2"...) sobre o pós-moderno: "movimento ou momento?"
Até adivinho a expressão dele ao falar: não sei e não quero saber.
Isto ajudou a revelar como embora a questão tenha se infiltrado via

Meios de comunicação de massa, em verdade imprensa escrita (leia-se ilustrada), o debate parece ter sido absorvido por certo estrato cultural como uma blague. Pós-moderno em vez de reflexão virou motivo de piada. Por que? Talvez a abrangência/divergência das conceituações, talvez...? Talvez até auto-defesa?

Nestas duas semanas resolvi passear um pouco por textos curtos e disponíveis, desde a edição sobre o pós de Arte em Revista (nº7/ago.83), ao O que é pós...de Jair Ferreira dos Santos, A Filosofia da Caixa preta de V.Flusser, TGIs da FAU como Comentário do pós-modernismo, de Marcos Cartum (85), artigos e cartas de leitores da revista Projeto de 84 pra cá, inclusive um artigo da TIME de out.83 sobre as tribos inglesas, a reação desdenhosa de Omer Akin sobre o livro de C.Jencks em AD - Architectural Design (uma revista que, curiosamente, após anos de total dedicação à informação sobre a produção experimental/alternativa, deu por perto de 78/79, uma volta de 180° passando a dedicar-se a números especiais do tipo: Neo-classicismo - estudos mastodônticos). Por fim, Habermas em gotinhas.
Bem, não deu pra formar, d ríamos,um q adro claro. Mas talvez revelar um choque entre os temas em debate e todo o processo dos anos 70 no qual nossa geração se inseria, onde a revisão do modernismo se fez de forma inconsciente talvez, mas de qualquer mo o amplificada. Ia escrever que ao menos em arquitetura, mas te o receio de ser este um raciocínio tímido.

Uma coisa é o momento, outro o movimento.
À maneira de S.Sontag em Notes on camp (que reli e me espantou sua adequação a certo comportamento atual, embora o texto date de 1964) vamos listar um quadro pessoal da questão:

."Mais, muito mais'." A indústria do consumo está em crise!
Como se as massas, este conceito moderno, este fato moderno, depois de milênios restritas a processos culturais de ritmos lentos, resolvem-se vampiristicamente a se revelar e assumir o papel passivoativo: mais!
Consumo é cultura!
.E vice-vers .
Veja este termômetro campy da minoria homossexual, exemplo máximo da vida como fenômeno estético (característica cara a certos esteetas da pós-modernidade), modelo de consumidores de cultura.

.As interpretações da pós-modernidade enquanto ambiente, pós 2º guerra, não são capazes de interpretá-la como modismo.
"Radio-pirata", nas ondas do rádio (RPM), texturas de informações musicais/ruído, como exemplo/consciência(?) da condição pós-moderna dentro da cultura de massa?
.Homem comum! Que homem é esse? Entre a elite e as massas, classe média de formação técnica/paratécnica, mas mergulhado numa cultura popular mixada e em mixagem pela indústria cultural, este homem comum é o consumidor por excelência da "cultura-como-objeto-de-consumo".
.Enquanto arquiteto me parece ironia, mas aqui a pós é a revolta do símbolo frente a anos de produção da simbologia da funcionalidade.
.Homem comum, em impasse, sem utopias - aqui a diferença entre revivalismos. Não mais utopias socialmente partilhadas como as socialistas. O futuro enquanto projeto é morto, o passado, uma miscelânea à disposição que se revela, se desvela como tipologia de sistemas simbólicos. Prisioneiro do presente, em impasse. Só lhe resta o presente para agir.
.Presente, território do desejo. Erotização do consumo é causa ou efeito de um espaço de vivência restrito?
Presente, território do desejo e do tédio.

(A máquina desejante, a utopia em movimento - a revolução molecular, o dia-a-dia. Deleuze e Guattari.)

Pós e moderno: Dionísio e Apolo.